

VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática



ULBRA - Canoas - Rio Grande do Sul - Brasil

16, 17 e 18 de outubro de 2013

Relato de Experiência



QUANDO ATIVIDADES DO PIBID NÃO DÃO CERTO

Alexandre Barcelos da Silva¹

Aline Amaro da Silva²

Gabriel Minuzzo³

Paulo Jose de Oliveira⁴

Raydan Roberth da Silva⁵

Silvonei Alves Nogueira⁶

Tatiane Hardt⁷

João Ricardo Viola dos Santos⁸

Educação Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo relatar uma frente de trabalho de um grupo PIBID que não “deu certo”. Apresentamos nosso grupo, as principais frentes de trabalho e suas atividades, um pouco da dinâmica de discussões e encontros. Grande parte dos relatos de experiências relacionados aos grupos PIBID, focam em atividades que, de certa maneira, funcionaram e obtiveram um “bom” desempenho. Nossa intenção é mostrar que algumas vezes, as atividades com os alunos da Educação Básica nem sempre “dão certo” e que esse fato, também contribui na formação do futuro professor de matemática.

Palavras Chaves: Produção de Vídeos. Trabalho em Grupo. Formação Inicial de Professores de Matemática.

Introdução

¹ Graduando. UFMS. E-mail: xandy-barcelos@hotmail.com

² Graduando. UFMS. E-mail: aline.sgo@hotmail.com

³ Graduando. UFMS. E-mail: gabrielminuzzo.sgo@hotmail.com

⁴ Graduando. UFMS. E-mail: paulo.j.o@hotmail.com

⁵ Graduando. UFMS. E-mail: raydan_roberth@hotmail.com

⁶ Graduando. UFMS. E-mail: silvoneialves29@hotmail.com

⁷ Graduando. UFMS. E-mail: tatianehardt@hotmail.com

⁸ Doutor. UFMS. E-mail: joao.santos@ufms.br

A Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, situada em Campo Grande/MS oferece o curso de Licenciatura em Matemática, na modalidade a distância, na cidade de São Gabriel do Oeste/MS. Nesse curso temos um grupo PIBID, com alunos da graduação, um professor da escola, outro da universidade (coordenador). As reuniões do PIBID, obedecendo a modalidade do curso, são realizadas por meio de interações síncronas (utilizando o skype e/ou hangout) e assíncronas (utilizando nosso ambiente virtual de aprendizagem). No polo encontram-se os bolsistas, o professor de matemática da Educação Básica representante da Escola Estadual Creuza Aparecida Della Coleta e o professor da universidade, tendo como papel de orientador, formando elo entre escola e faculdade. Desenvolvemos estratégias e avaliamos os resultados, tanto da produção dos alunos como na reflexão de nosso papel como futuros professores, sendo o momento em que aprendemos com os alunos. Tomamos o diálogo e o trabalho em grupo como princípios de nosso grupo PIBID (VIOLA DOS SANTOS e SANTOS, 2011), estudando e colocando em movimento algumas ideias do Modelo dos Campos Semânticos (LINS, 1999), uma proposta política e pedagógica.

A Escola Estadual Creuza Aparecida Della Coleta foi escolhida especialmente por seus alunos apresentarem baixo desempenho escolar.

Uma das frentes de trabalho de nosso grupo foram as oficinas sobre resolução de problemas. Tais oficinas foram realizadas no colégio, geralmente após as 18h com duração de uma hora, com alunos do Ensino Fundamental. De maneira resumida, iniciamos essa frente de trabalho no segundo semestre de 2012, realizando uma atividade avaliativa contendo resolução de problemas. Nossas intenções eram conhecer os alunos para elaborarmos nossas atividades nas oficinas. Foi constatado dificuldades dos alunos no campo das quatro operações, ficando assim definido que as atividades desenvolvidas no PIBID contemplariam esta carência.

Obtivemos boa colaboração e frequência por parte dos alunos e desenvolvemos atividades por meio de jogos, trabalho em grupo e pela metodologia de Resolução de Problemas, seguindo alguns pressupostos de ONUCHIC (1999) e ONUCHIC e ALEVATO (2004).

Ao iniciarmos o semestre de 2013, apresentamos outra frente de trabalho: Produção de vídeos com alunos da Educação Básica. Nesse frente, nossa ideia era a de gravar vídeos sobre dúvidas dos alunos, como também sobre temáticas de interesse deles. Nossa intenção era a de desenvolver processos de discussões sobre ideias/conceitos/procedimentos matemáticos tendo como pano de fundo a produção de vídeos. Entretanto, essa frente de trabalho não sortiu

resultados esperados, mesmo com adaptações ao constatar os primeiros empecilhos durante os primeiros encontros.

Produção de Vídeos com os alunos da Escola Creuza

A proposta de trabalho a ser desenvolvida com os alunos no primeiro semestre de 2013 foi a produção de vídeos que poderiam ser: a) filmagem dos alunos tematizando alguma situação da matemática; b) apresentação de slides ou captura de tela do computador sobre suas principais dificuldades matemáticas. A ideia implícita era tornar os alunos agentes ativos no processo de construção do conhecimento, como fim a coleção de vídeos serviria como material de apoio aos alunos da escola, já que seria composta por alunos de diferentes séries do Ensino Fundamental. Descrevemos alguns de nossos encontros e com isso, descrevemos nossas dificuldades em desenvolver essa frente de trabalho.

Primeiro Encontro

No primeiro encontro contávamos com aproximadamente 20 alunos. Neste, primeiramente, tivemos um bate-papo com os alunos onde os acadêmicos e alunos se apresentaram um a um. Feito isso, foi apresentada a proposta para os alunos e um debate sobre o que eles acharam da ideia. Depois desse debate orientamos os alunos para formação de grupos, para trabalhar com as duplas de acadêmicos.

Com os grupos de trabalho separados, as duplas de acadêmicos começaram a falar mais individualmente com seus grupos de alunos da escola Creuza, orientando-os para que pensassem em temas que achariam interessantes para se comentar em um vídeo. Após essa prévia, os alunos propuseram temáticas que interessavam a eles, conteúdos que englobavam temas de sala de aula do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Os principais temas foram equação do primeiro grau, divisão, MMC e MDC, ângulos, entre outros. Pedimos também que os alunos levassem algum material para iniciar a discussão no segundo encontro, com intuito de revisar os conteúdos e anotar suas dúvidas matemáticas.

Depois de serem dispensados, nos reunimos para discutir sobre as perspectivas desse primeiro encontro, onde algumas duplas de acadêmicos já relataram uma devolutiva não muito animadora dos alunos.

Segundo Encontro

O encontro começou com certo atraso, com falta de alguns alunos que estavam no primeiro encontro e com a presença de outros que não estavam no primeiro. Nós acadêmicos

novamente nos apresentamos e falamos sobre a finalidade de tal projeto. A ideia do vídeo em si desmotivou muitos alunos, pois todos nunca trabalharam de tal modo que fosse expor a sua imagem.

Isso nos fez pensar em outra alternativa, que seria gravar os vídeos somente com áudio e slides. Propomos essa segunda ideia e eles concordaram, porém ainda com muito desânimo.

Prosseguimos então com a ideia de trabalhar com o material que havíamos solicitado no primeiro encontro, alguns grupos de alunos não levaram o material, como também não pesquisaram sobre a temática. Por outro lado, duplas de acadêmicos começavam a trabalhar com novos grupos de alunos. Isso tornou nosso trabalho repetitivo, pois tivemos que retomar assuntos e conceitos básicos o que acabou atrasando nosso cronograma.

Observamos ainda muita dificuldade nos conteúdos por parte dos alunos e por isso, reforçamos a ideia deles pesquisarem sobre as temáticas utilizando os mais diferentes meios tecnológicos e didáticos.

Terceiro Encontro

Nos terceiro encontro tivemos uma grande defasagem em relação à presença dos alunos. Esse fato ocorreu devido a uma divergência de horários entre o projeto PIBID de Matemática e o projeto PIBID de Biologia. Isso fez com que liberássemos os poucos alunos que compareceram mais cedo e ao término do encontro do Pibid de Biologia, nos reunimos com tais acadêmicos para estipularmos um horário onde os alunos pudessem participar de ambos os projetos. Decidimos nessa reunião oferecer um lanche para o próximo encontro para tentar estimular a presença dos alunos no projeto de matemática. Nossa intenção era, de alguma forma, construir um espaço de discussão agradável para tentar conquistar os alunos a participar dessa frente do projeto.

Quarto Encontro

Como combinado na reunião anterior, levamos o lanche para os alunos, mas mesmo assim nem todos compareceram a reunião, e novamente tivemos alunos novos e antigos, fato que complicou ainda mais o andamento do projeto. Tentamos prosseguir com uma discussão mais focada no conteúdo escolhido e ainda tentamos ressaltar importância da participação deles no projeto, pois o alicerce de aprendizagem era fundamentado na presença e no debate construído por eles.

Quinto Encontro

Nesse encontro é importante ressaltar que alguns grupos de acadêmicos resolveram interromper o desenvolvimento do projeto, pois já não havia tempo hábil para concretizar o mesmo, devido a constante mudança de alunos nos grupos, faltas e não colaboração em levar o material que sempre era solicitado, decisão tomada em grupo junto com o coordenador do projeto de professor da escola.

Alguns grupos ainda permaneceram trabalhando, pois o andamento nesse encontro foi bem proveitoso em relação aos anteriores. Esse fato nos deu alguma esperança de que seria possível gravar ao menos dois vídeos, pelo menos para alguns acadêmicos.

Na reunião semanal do PIBID, resolvemos expor ao nosso coordenador mais uma vez as dificuldades que estávamos enfrentando com os alunos, pois até agora há nosso ver não havíamos progredido consideravelmente. Tomamos então, a decisão de no próximo encontro realizarmos uma análise qualitativa e quantitativa do projeto em si, para decidirmos prosseguir ou não com o projeto.

Sexto Encontro (último)

Devido o comparecimento de somente dois alunos, resolvemos encerrar a frente de trabalho do nosso PIBID, o projeto de produção de vídeos com alunos da Educação Básica. Os prazos para a elaboração dos vídeos, devido às férias já estavam no fim; não conseguimos gravar sequer um único vídeo; falta de interesse e compromisso dos alunos em participar dessa frente de trabalho.

Principais considerações em relação aos relatos dos encontros

Ao longo dos encontros tentamos motivar os alunos em sala de aula junto com a coordenação da escola e o professor participante do PIBID. Acreditávamos que a proposta da produção de vídeos chamaria a atenção dos alunos, visto a grande popularidade de sites de visualização de vídeos, como por exemplo, o *youtube*.

No início do projeto, nossas expectativas eram as melhores possíveis, pois os alunos trabalhariam com tecnologia e informática para elaboração de vídeos, o que geralmente desperta curiosidade e interesse por parte dos alunos. Não acreditávamos que o projeto em si não daria certo.

Pensávamos que a ideia de gravar vídeos com determinadas temáticas escolhidas pelos alunos chamaria a atenção, mesmo colocando a possibilidade de não expor a imagem dos alunos. Essas perspectivas foram se dissipando gradualmente no decorrer dos encontros. O desinteresse dos alunos acabou interferindo no progresso do projeto, pois as atividades

propostas não eram realizadas para dar continuidade no próximo encontro. O processo repetitivo nas discussões tornou os encontros monótonos e pouco criativos. Acreditamos que esses fatores acarretaram o fato dessa frente de trabalho não “dar certo”.

Como essa proposta que não “deu certo” contribuiu para nossa formação inicial.

Refletimos que determinados projetos podem funcionar, desde que ele não se limite em apenas uma maneira de realizá-los, pois nem sempre os alunos vão conseguir trabalhar de tal modo que o educador espera.

Isso mostra que é importante consultar os alunos e propor não somente uma maneira de se realizar um projeto. Devemos abrir “*n*” possibilidades de ensino/aprendizagem, desde que o aluno proponha suas ideias juntamente com o professor, nesse caso nós, “pibidianos”.

Como nossa proposta de trabalho era diferente e colocava os alunos como atores principais na construção do projeto de vídeos, poderíamos ter feito um trabalho de preparação com os alunos explicando melhor a metodologia de trabalho, onde progrediríamos conforme os alunos construíssem o material. Talvez, essa seria uma estratégia que poderia potencializar nosso trabalho. Ficamos com essa pergunta.

Podemos cogitar que nossa proposta pode não ter sido bem aceita, pois a matemática é visualizada sobre a ótica da certeza, onde damos demasiada importância ao resultado correto e que não chama a atenção dos alunos. *Produzir vídeos sobre matemática? Ah não, isso é muito chato* (talvez, um modo de pensar de um aluno).

Discutimos em nossas reuniões as estratégias que elaboramos e nossas atitudes dentro dessa frente de trabalho. Essas discussões permitiram considerações importantes em relação à sala de aula de matemática. Algumas coisas dão certo e outras não.

Acreditamos que nosso relato serve para mostrar que nem sempre as propostas de trabalhos dos PIBID “dão certo” e que muitas vezes, essas discussões também servem como aprendizado na formação inicial de professores de matemática.

Para nós, o aprendizado foi (está sendo) grande, pois desenvolvemos outras frentes do nosso projeto PIBID.

Fazer com que os alunos se motivem e desejem trabalhar nem sempre é fácil. Entretanto, vivenciar essas facetas da escola básica, nos ofereceu vários ensinamentos.

Referências

LINS, R. C. Por que discutir Teoria do Conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas**. Rio Claro: Editora UNESP, 1999. p. 75 – 94.

ONUCHIC, L. R. . Ensino-aprendizagem de Matemática através da resolução de Problemas. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). **Perspectivas em Educação Matemática**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, v. único, p. 199-218.

ONUCHIC, L. R. ; ALLEVATO, Norma Suely Gomes . Novas reflexões sobre o ensino-aprendizagem de matemática através da resolução de problemas. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo; Marcelo de Carvalho Borba. (Org.). **Educação Matemática - pesquisa em movimento**. 2ed.São Paulo: Cortez, 2004, v. único, p. 213-231.

VIOLA DOS SANTOS, J. R. ; SANTOS, R. M. Linguagem, Comunicação e Educação Matemática. In: Rafael Monteiro dos Santos, João Ricardo Viola dos Santos. (Org.). **Instrumentação para a Pesquisa e Prática de Ensino de Matemática**. Campo Grande: UFMS, 2011, p. 113-139.